



MARROCOS

KARIMA BENYAICH

Há uma lágrima que ofusca momentaneamente um sorriso luminoso quando Karima Benyaich recorda o dia em que o pai, médico pessoal do Rei

Hassan II, foi assassinado durante uma tentativa de golpe de Estado, em 13 de julho de 1971.

“Eu tinha apenas dez anos; é difícil não me emocionar”, diz a embaixadora de Marrocos, uma mão enxugando o rosto, a outra ajustando o gracioso *caftan* branco, bordados dourados a condizer com uma requintada pulseira que herdou da mãe. “Tínhamos uma casa de praia perto do palácio de verão de Skhirat. Saímos de manhã para ir ao cabeleireiro porque tínhamos um jantar. Ouvimos tiros mas pensávamos que era uma festa, até notarmos que havia muitos militares e que as ruas estavam fechadas. Fomos obrigados a fugir à pressa para Rabat [a capital], que ficava a 30 quilómetros de distância. Receávamos que nos matassem.”

“À meia-noite, o rei anunciou que perdera o seu médico. Nesse dia perdi também a minha

inocência. Como filha mais velha, assumi a responsabilidade de ajudar a mãe, que se sentia perdida, por ser estrangeira.” Carmen, viúva de Fadel Benyaich, é espanhola, de Granada. Passou a chamar-se Karima quando se converteu ao Islão.

No dia do golpe, Hassan II (1929-1999) preparava uma grande receção para celebrar o seu 42.º aniversário. Cerca de 250 soldados, a maioria da escola de cadetes de Ahermoumou, tomaram de assalto o palácio. Surpreendido pelos rebeldes, o rei foi implacável. Menos de 72 horas depois, sem julgamento, dez oficiais – quatro generais, cinco coronéis e um major – foram executados por um pelotão de fuzilamento. Após a morte do pai, Karima e os três irmãos ingressaram a tempo inteiro no Colégio Real de Rabat, frequentado pelos príncipes. “Estudávamos das sete da manhã às oito da noite. Era uma educação com muita disciplina, mas o melhor investimento é a educação, e foi a educação que contribuiu para mudar a vida das mulheres marroquinas.”

O motor que “acelerou a história” foi o herdeiro do trono, Mohammed VI, amigo e colega de Karima. Foi ele que, em 2008, a enviou para Lisboa, o seu primeiro posto como embaixadora. E foi ele quem nomeou como embaixador em Madrid o irmão, Fadel Benyaich (homónimo do pai), em fevereiro de 2014.

Não é de estranhar, pois, que nos salões da residência oficial, adornados com belíssimos *zelliges*, azulejos de padrões geométricos e multicoloridos típicos da arquitetura marroquina, fotos do filho de Hassan II estejam presentes em quase todos os recantos.

“Sua Majestade sempre se mostrou interessado em aplicar reformas”, garante Karima, exprimindo-se num português fluente, prova de que seguiu o seu próprio lema: “É importante aprender a língua do país onde se trabalha para o conhecer melhor.” Há obstácu-

casamento e no divórcio”, destaca Karima. “Também foi aprovado o Código da Nacionalidade, que permite às mulheres casadas com estrangeiros conferir aos seus filhos a nacionalidade marroquina. No mundo árabe e muçulmano, somos o único país onde uma mulher preside à Confederação dos Empresários. Temos mulheres médicas, juízes, pilotos de aviação... No Ministério dos Negócios Estrangeiros, 40% dos funcionários são mulheres – e aqui os salários são iguais.” “O Ocidente precisa de entender que o mundo árabe não é monolítico”, recomenda a embaixadora. “Cada país tem a sua história e os seus processos. Em Marrocos, depois da independência, em 1956, o rei Hassan II aboliu o partido único. É verdade que voltámos atrás com dois golpes militares [em 1971 e 1972] porque o Exército queria uma ditadura como outras na região. (...) Em 2011, coincidindo com a ‘Primavera Árabe’, houve manifestações e reivindicações legítimas em Marrocos, sobretudo da juventude que enfrenta um elevado desemprego. O rei respondeu, a 9 de março, com um projeto de reforma constitucional, envolvendo partidos, sindicatos, ONG e outros. E assim se procedeu à quinta revisão constitucional. Somos um país apegado às tradições, mas também virado para a modernidade. Não houve uma mudança de regime, não houve uma revolução, mas houve uma evolução.”

Outro motivo de orgulho para a embaixadora que nasceu na cidade de Tetuão, no Noroeste, onde segundo os últimos censos um quinto dos mais de 320 mil habitantes são judeus, é a definição constitucional do reino. “Somos um país aberto e tolerante, com influências distintas: africanas, árabes, muçulmanas, mediterrânicas, atlânticas e hebraicas.” Sobre o seu cargo, a mulher que ajudou a solidificar uma parceria estratégica

“NÃO HOUVE UMA MUDANÇA DE REGIME, NÃO HOUVE UMA REVOLUÇÃO, MAS HOUVE UMA EVOLUÇÃO.”

los, admite, mas também progressos. “Basta olhar para Portugal e ver que há quatro embaixadoras de países árabes: Marrocos, Tunísia, Argélia e Emirados. Há dez anos isto seria impossível! Acima de tudo, é indispensável que haja vontade política.”

“Em Marrocos, foi aprovado, em 2004, o Código da Família [*Moudawana*], que assegurou igualdade de direitos, em particular no

entre Marrocos e Portugal sublinha: “Não é uma função decorativa! É um privilégio representar o meu país – que tem 12 mulheres embaixadoras [Portugal tem nove no serviço ativo] – e também conhecer os atores políticos, económicos e culturais da sociedade portuguesa. O objetivo é criar pontes. Somos vizinhos e a capital mais próxima de Lisboa é Rabat.”